

6 Experimentos de Compreensão

Grande parte dos estudos de aquisição da linguagem, particularmente sob uma perspectiva lingüística, baseia-se em dados da produção espontânea. Existem, contudo, limitações quanto ao tipo de informação que pode ser extraída, tendo em vista que os dados de produção podem não apresentar a estrutura em análise. Estudos experimentais, por sua vez, ainda que gerem contextos artificiais para o estudo da aquisição da língua, permitem que se isolem variáveis que podem afetar o desempenho lingüístico, que se verifique sua interação. Além disso, discrepâncias entre habilidades de produção e de compreensão decorrentes de demandas específicas de cada forma de desempenho podem ser detectadas. Vimos que experimentos de percepção de discriminações com bebês permitem que se identifiquem alguns aspectos da língua que a criança domina antes mesmo de produzi-los (cf. 3.1). No caso dos determinantes, por exemplo, o estudo exclusivo de dados da fala espontânea justifica a conclusão de que crianças fazem uso de determinantes na produção de enunciados apenas por volta dos 20 meses (cf. 5), ao passo que resultados experimentais demonstram que crianças são sensíveis a elementos de categorias funcionais por volta dos 11 meses (Shady, 1996). Por outro lado, a compreensão, particularmente, no que concerne à referência, pode acarretar demandas para as quais a representação de distinções gramaticais até então estabelecidas não sejam suficientes para a condução da tarefa, como foi visto nos estudos de Johnson, de Villiers e Seymour (2005) (cf. 3.4), em que crianças falantes do MAE produzem enunciados com o afixo verbal *-s* de número singular, mas não compreendem essa informação em enunciados que lhes são apresentados.

No capítulo anterior, observamos que crianças, no seu terceiro ano de vida, parecem ter representado *pessoa* como traço formal de modo a estabelecer concordância sujeito-verbo em 1ª e 3ª pessoas, com alguma sistematicidade, assim como distinguir diferentes formas pronominais em função da posição estrutural de argumentos e/ou de *caso*, ainda que o número de formas produzidas seja pequeno. Não é claro, contudo, em que medida esse conhecimento é suficiente para a resolução de tarefas de compreensão que requerem o estabelecimento da referência em função de informação gramatical de *pessoa*.

A seguir relataremos uma série de experimentos realizados com crianças com desenvolvimento lingüístico normal (DLN), buscando investigar em que medida a

identificação do *locus* da intepretabilidade de *pessoa* na língua – no DP sujeito e/ou no afixo verbal - consituiu dificuldade para a criança, em que medida o processamento da referência com base em informação de *pessoa* (1ª e 3ª) apresenta dificuldades no curso do desenvolvimento e o quanto a dissociação entre *pessoa* do discurso e *pessoa* gramatical constituem um problema, no processamento da 1ª *pessoa* do plural no discurso que, na língua, realiza-se tanto como *nós* e *a gente*. Os resultados obtidos nestes experimentos servirão de padrão de referência para o estudo de *pessoa* na aquisição deficitária (cf. 8).

6.1

Experimento 1 – Concordância de *pessoa* entre sujeito e verbo

6.1.1

Caracterização do experimento

Conforme visto, a partir da análise feita com os dados longitudinais, desde bem cedo, a criança já manifesta, em sua produção, a 1ª *pessoa* do discurso, ora como 3ª *pessoa* gramatical, ora como 1ª, observando-se maior estabilidade no uso do pronome nominativo de 1ª *pessoa* e de formas verbais de primeira *pessoa*, com sujeito nulo ou manifesto, por volta dos 24 meses. Não está claro se a criança, nesse processo, percebe informação de *pessoa* tanto em Dmax quanto no afixo verbal de forma independente, ou se percebe que, na língua, a relação de concordância sujeito-verbo é expressa no verbo. O fato de a língua admitir sujeito nulo pode implicar a representação da 1ª *pessoa* como traço interpretável no afixo verbal (cf. Kato, 1999). Considera-se ainda, que a produção do que se apresenta como relação de concordância na fala, não necessariamente implica que a criança perceba o afixo verbal como reflexo da mesma, quando esta percepção se faz crucial à compreensão. Conforme resultados experimentais obtidos por Johnson, Villiers e Seymour (2005) ao trabalhar com crianças falantes do Mainstream American English (MAE), crianças de 3 e 4 anos têm dificuldades em compreender enunciados que expressem informação de número singular apenas na morfologia do verbo, apesar de já apresentarem dados de produção em que a 3ª *pessoa* singular apresenta-se expressa (cf. 3.4).

O presente experimento visa a verificar em que medida crianças DLN de dois grupos etários (3 e 5 anos) processam a relação de concordância de *pessoa* entre sujeito

e verbo, atribuindo a D(max) o *locus* da interpretabilidade desse traço. Para isso, a congruência entre a *pessoa* expressa em Dmax e no afixo verbal é uma variável manipulada.

O paradigma experimental utilizado é o de seleção de objeto a partir de enunciado verbal, numa variante na qual a criança tem de identificar a personagem alvo da ação de entregar um dado objeto. A tarefa consiste em a criança identificar para qual de dois fantoches um determinado brinquedo deverá ser entregue de acordo como a frase experimental produzida por um desses fantoches. Se a criança for sensível a *congruência*, espera-se um maior número de respostas correspondentes ao sujeito na condição congruente.

São três variáveis independentes: *pessoa gramatical* (1ª / 3ª pessoa), *congruência entre pessoa do sujeito e do verbo* (congruente/incongruente), tomadas como fator intra-sujeitos, e *idade* (3/5 anos), como fator grupal, em um design fatorial (2 x 2 x 2).

A partir dos níveis das variáveis intra-sujeitos, temos quatro condições experimentais, sendo elas:

- Condição 1 (Congruente / 1ª pessoa): *Eu quero*;
- Condição 2 (Incongruente⁷⁰ / 1ª pessoa): *Eu quer*
- Condição 3 (Congruente / 3ª pessoa): *Ele quer*;
- Condição 4 (Incongruente / 3ª pessoa): *Ele quero*.

A seguir serão apresentados exemplos de estímulos por condição:

- 1- Agora, eu vou dar para você este carro!
Vamos ver para quem você vai dar o carro.

Dedé - Que carro bonito! *Eu quero* o carro. (congruência – 1ª pessoa)

Experimentador - Para quem você vai dar o carro?

Resposta esperada: Entrega do carro para o falante (Dedé/Vavá) ou resposta oral (para o Dedé/Vavá).

- 2- Agora, eu vou dar para você esta maçã!
Vamos ver para quem você vai dar a maçã.

Vavá - Que maçã grande! *Eu quer* a maçã. (incongruência - 1ª pessoa)

⁷⁰ O termo incongruente é usualmente utilizado em referência a anomalia semântica. Neste estudo, congruência é tomada como variável que define a compatibilidade entre a pessoa do DP e a morfologia do verbo.

Experimentador - Para quem você vai dar a maçã?

Resposta esperada: Para o Vavá.

- 3 Agora, eu vou dar para você esta espada!
Vamos ver para quem você vai dar a espada.

Dedé - Que espada brilhante! *Ele quer* a espada. (congruência - 3ª pessoa)

Experimentador - Para quem você vai dar a espada?

Resposta esperada: Para o Vavá.

- 4- Agora, eu vou dar para você esta bola!
Vamos ver para quem você vai dar a bola.

Vavá - Que bola legal! *Ele quero* a bola. (incongruência - 3ª pessoa)

Experimentador - Para quem você vai dar a bola?

Resposta esperada: Para o Dedé (foi considerada a informação de *pessoa* expressa em Dmax).

A variável dependente é o número de respostas correspondentes à escolha do fantoche referente ao sujeito da sentença, a quem o brinquedo deve ser dado, considerando-se a informação de *pessoa* expressa em Dmax. Essas respostas serão tomadas como acertos nas condições congruente e incongruente.

6.1.2 Método

Participantes:

Este experimento teve como participantes 26 crianças, sendo 13 de 3 anos e 13 de 5 anos. Os participantes freqüentavam colégio ou creche-escola particular de nível sócio-econômico médio, localizados no bairro de Campo Grande, Zona Oeste do Estado do Rio de Janeiro. O grupo de 3 anos incluiu 8 meninos e 5 meninas de 31 a 43 meses, com idade média de 3;2 anos. O grupo de 5 anos contou com 8 meninos e 5 meninas, de 60 a 69 meses de idade, e idade média de 5;4 anos. O experimento foi também realizado com crianças de 5 anos, porque elas constituem o grupo de controle na avaliação de crianças com DEL (cf. 8).

Material:

O material constou de dois fantoches, os quais o experimentador nomeou como Dedé e Vavá, mais alguns pequenos brinquedos (boneco, carrinho, trenzinho, gatinho) e frutinhas de madeira (maçã e laranja). O aparato utilizado restringiu-se a um *compact disc* digital áudio da marca Panasonic (MP3/CD-R/RWP/A), e um CD com a gravação das falas dos fantoches. Foram apresentados quatro estímulos por condição, respondendo, portanto, cada criança a dezesseis frases experimentais (cf. anexo1).

Procedimento:

Ao iniciar o experimento, o experimentador apresentou a cada criança os dois fantoches, dando-lhes os nomes (Dedé e Vavá) e fez com cada uma delas um pré-teste, pedindo que entregasse o brinquedo nomeado para o Dedé ou para o Vavá. Se a criança não reconhecesse os fantoches ou o brinquedo nomeado, ou ainda não se dispusesse a participar, era substituída. Em seguida, o experimentador iniciava o experimento propriamente dito, contava que os fantoches sabiam falar e demonstrava como eles falavam, usando para cada um deles um tipo de voz diferente, ao cumprimentar a criança e ao convidá-la para brincar, proferindo convites e afirmações como *Oi tudo bem? Eu sou o Dedé? Que lugar legal! Vamos brincar? ; Olá! Eu sou o Vavá! Ih! Quanto brinquedo! Vamos brincar?* Neste momento, o experimentador introduzia a brincadeira, dizendo que iria dar à criança o brinquedo ou a fruta e que ela deveria decidir a qual fantoche entregar, se ao Dedé ou ao Vavá, após ouvir a fala de um deles. O experimentador chamou atenção das crianças para o fato de que os bonecos, às vezes, falavam de um jeito engraçado, preparando-as para as estruturas incongruentes. O experimentador fez uso de perguntas como *Vamos ver para quem você vai dar o ... (carrinho)?* para introduzir cada frase experimental. O estímulo, quando necessário, foi repetido até duas vezes. As indecisões da criança e as mudanças de opções foram anotadas. As respostas foram registradas por um monitor em uma tabela de aferição (cf. anexo1). Foram feitas fichas individuais, em que se registraram as respostas de cada criança. A ordem de apresentação dos estímulos-teste foi semi aleatorizada, de modo que uma mesma condição não fosse apresentada consecutivamente. A seguir, apresentamos duas figuras, a figura 6.1 ilustra o material utilizado e a figura 6.2 o procedimento de testagem.



Ilustração 6.1. Brinquedos, bonecos, frutas usados no experimento

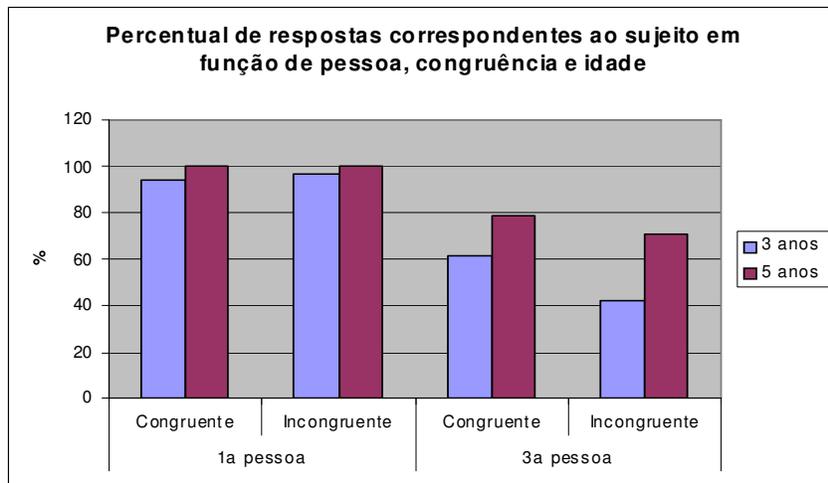


Ilustração 6.2. Aplicação do experimento na creche-escola

6.1.3 Resultados e discussão

O gráfico 6.1, a seguir, apresenta o percentual de respostas correspondentes à indicação do sujeito da frase por condição.

Gráfico 6.1



Como pode ser observado no gráfico 6.1, houve maior número de respostas correspondentes ao sujeito da frase na primeira pessoa, independentemente de congruência, nos dois grupos etários. As crianças apresentaram maior dificuldade, portanto, quando o sujeito da frase era de terceira pessoa e em estruturas incongruentes, onde se acentua uma diferença entre crianças de 3 e de 5 anos.

Os dados foram submetidos a uma análise da variância, ANOVA, com *design* fatorial 2 (idade) x 2 (pessoa) x 2 (congruência) em que *pessoa* e congruência são medidas repetidas. As três variáveis manipuladas acarretaram efeitos principais:

- Idade: $F(1,24) = 6,35$; $p = .02$ (3 anos - média: 2,94; 5 anos - média: 3,50). Observa-se que, de modo geral, as crianças de 5 anos levaram mais em conta a informação de *pessoa* expressa em Dmax do que as de 3 anos;
- Congruência: $F(1,24) = 6,63$; $p = .02$ (formas congruentes – média: 3,35; formas incongruentes - média: 3,10). Observa-se que as crianças tanto de 3 anos, quanto de 5 anos são sensíveis a estruturas incongruentes. Isto sugere que crianças são sensíveis à informação de *pessoa* expressa em Dmax, bem como expressa na morfologia flexional do verbo por concordância;
- Pessoa: $F(1,24) = 33,42$; $p < .00001$ (1ª pessoa – média: 3,90; 3ª pessoa – média: 2,54). Nota-se que crianças são mais sensíveis à primeira pessoa do que à terceira, sendo a diferença bastante significativa.

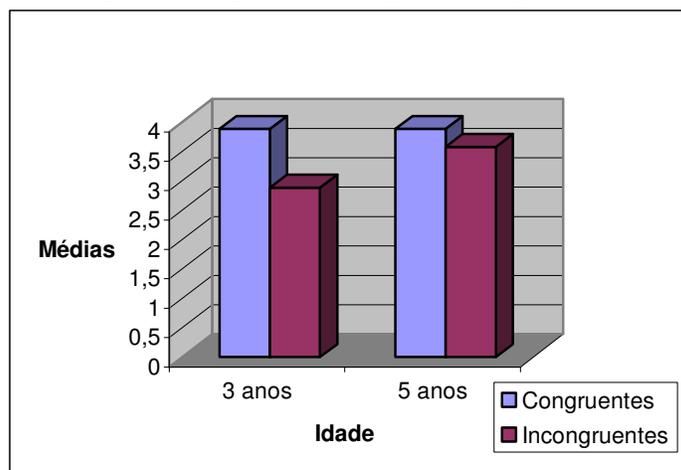
O efeito da interação entre idade e congruência aproximou-se do nível de significância: $F(1,24) = 3,08$; $p < .1$.

- 3 anos / formas congruentes (média: 3,88);
- 3 anos / formas incongruentes (média: 2,88);
- 5 anos / formas congruentes (média: 3,88);
- 5 anos / formas incongruentes (média: 3,58).

Podemos observar que não há diferença no desempenho de crianças de 3 e 5 anos nas sentenças congruentes, o que indica que crianças de 3 anos já têm representada informação relativa às pessoas gramaticais do português e processam concordância sujeito-verbo, no que concerne a esse traço. Crianças de 3 anos são, não obstante, mais sensíveis do que as de 5 anos à contradição entre informação de *pessoa* no sujeito e no morfema flexional do verbo. Essas últimas, diante da contradição, optam preferencialmente pela informação contida em Dmax, categoria em que, conforme hipótese de trabalho desta pesquisa, *pessoa* é semanticamente interpretável. Crianças de 3 anos e de 5 anos percebem a informação de *pessoa* manifesta em Dmax e morfologicamente marcada no verbo em formas de 1ª pessoa (*Eu quero*), assim como em formas de 3ª pessoa, em que é morfologicamente não-marcada no verbo (*Ele quer*). Já, em construções incongruentes, crianças de 3 anos são mais sensíveis à contradição de *pessoa* na concordância sujeito-verbo do que crianças de 5 anos. A seguir apresentamos o gráfico 6.2, em que podemos visualizar o referido efeito de interação entre *idade* e *congruência*.

Gráfico 6.2

Médias de respostas correspondentes ao sujeito em função de idade e congruência



A dificuldade observada no que concerne à 3ª pessoa pode ser explicada pelo fato de o *eu* ser inerentemente dêitico. Em formas como *Eu quero*, a criança tem acesso à informação de *pessoa* (1ª) e informação inequívoca quanto ao referente do sujeito. Já em construções com *ele*, em formas como *Ele quer*, a informação de *pessoa* não oferece informação inequívoca quanto ao referente do sujeito, dado que a 3ª pessoa é, em princípio, não-dêitica. Tal fato deve explicar a discrepância entre o percentual do número de acertos na condição 2 - *Eu quer* e na condição 3 - *Ele quer*. Esta última, a despeito de ser congruente, apresenta um número menor de acertos_(cf. 6.1). Além disso, o fato de a 3ª pessoa ser morfofonologicamente não marcada no verbo (o que facilita a aceitação da forma *Eu quer* em contraste com *Ele quero*) não favorece o processamento da referência. A marcação morfológica de *pessoa* no afixo verbal e o fato de, dado que a língua admite sujeito nulo, haver a possibilidade de a informação de *pessoa* ser fornecida exclusivamente pelo afixo verbal (como expressão do traço de *pessoa* em T) fazem com que, em formas como as da condição 4 (incongruência / 3ª pessoa - *Ele quero*), haja um número menor de acertos. Nesse caso, o afixo verbal apresenta informação de *pessoa* com referente inequívoco (dado que 1ª pessoa é inerentemente dêitica), informação essa que é privilegiada pela criança. Apenas no grupo de 5 anos, a criança dará prioridade à informação de *pessoa* em Dmax, revelando ter superado o problema de identificar o *locus* da interpretabilidade de *pessoa* na língua.

Resumindo, teríamos:

- *Eu quer* (condição 2 – incongruência / 1ª pessoa)

Número maior de acertos por crianças de 3 e 5 anos. A criança extrai informação de *peessoa* em Dmax, que por ser de 1ª pessoa facilita a compreensão, uma vez que *eu* possui dêixis intrínseca.

- *Ele quero* (condição 4 – incongruência / 3ª pessoa)

Número menor de acertos por crianças de 3 e 5 anos. A criança extrai informação de *peessoa* de D(max) e do afixo verbal e acaba, no entanto, por privilegiar a informação expressa no verbo, uma vez que manifesta 1ª pessoa e, como tal, torna-se mais fácil para a criança por possuir dêixis intrínseca.

6.2

Experimento 2 – Concordância de *peessoa* entre sujeito e verbo com uso de dêixis

6.2.1

Caracterização do experimento

A dificuldade das crianças participantes do experimento anterior em compreender estruturas que fazem uso da informação de 3ª pessoa nos direcionou à realização de um novo experimento com base na hipótese de que a criança tem dificuldade de lidar com informação de *peessoa* dissociada de dêixis, o que acarreta maior número de erros na 3ª pessoa (independentemente de congruência), visto que, na condição incongruente crianças de 3 anos, particularmente, acabam privilegiando a informação de *peessoa* passível de ser extraída da forma morfológicamente marcada do afixo verbal. Dessa forma, este experimento tem por objetivo verificar se dêixis seria um facilitador para a identificação do referente do sujeito da sentença a partir da informação de *peessoa*. Desse modo, o presente experimento replica o anterior, exceto pela inclusão de informação para-lingüística de natureza dêítica (gesto de apontar) associada à *peessoa* do DP sujeito.

6.2.2

Método

Os participantes deste experimento foram 26 crianças de classe social média, residentes na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, freqüentadoras de duas escolas da rede particular de ensino. Das 26 crianças, 13 eram de 3 anos e 13, de 5 anos. Das crianças de 3 anos, 5 eram meninos e 8 eram meninas, apresentando um intervalo de idade de 34 a 41 meses e a idade média de 3,4. Das crianças de 5 anos, 6 eram meninos e 7 eram meninas, apresentando um intervalo de idade de 60 a 70 meses e a idade média de 5,4.

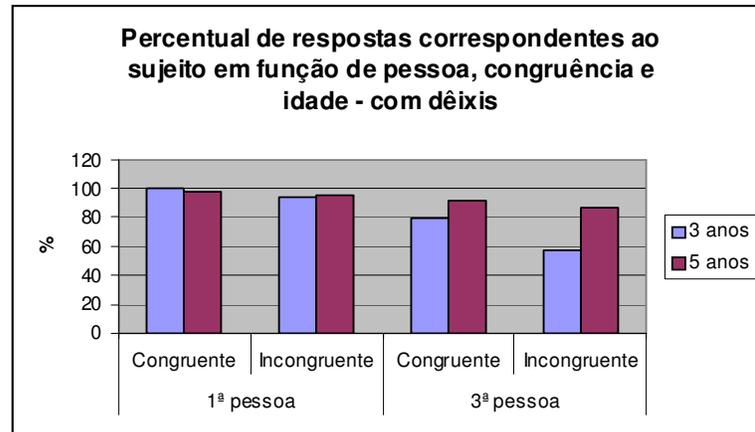
Foram utilizados como materiais os mesmos brinquedos e as mesmas frutinhas de madeira usados no experimento anterior e dois fantoches nomeados igualmente como Dedé e Vavá. Desta vez, os fantoches selecionados para o experimento foram do tipo que veste o dedo polegar e o mindinho do experimentador, para que o movimento de indicação, correspondente à dêixis, pudesse ser realizado. O aparato empregado foi também o mesmo, um *compact disc* digital áudio da marca Panasonic (MP3/CD-R/RWP/A), e um CD com a fala dos fantoches. O material lingüístico empregado foi a mesmo do experimento 1, tendo sido, portanto, dezesseis frases experimentais, distribuídas em quatro estímulos por condição (cf. anexo 1).

O procedimento adotado para a execução do experimento foi semelhante ao usado no experimento anterior. Inicialmente o experimentador procedeu à apresentação dos fantoches, nomeando-os, explicando a “brincadeira” à criança, dizendo que ela é que iria entregar o brinquedo ou a frutinha ao Dedé ou ao Vavá, conforme a fala do fantoche. É importante ressaltar que, durante a fala do fantoche, ele, desta vez, era dotado de um movimento de indicação, apontando para si, quando a pessoa do sujeito do verbo fosse o pronome *eu*, ou apontando para o outro fantoche, quando a pessoa do sujeito fosse o pronome *ele*. As respostas eram registradas por um monitor em uma ficha de aferição (cf. anexo1).

6.2.3 Resultados e discussão

No gráfico 6.3 a seguir, encontramos, por condição experimental, o valor percentual de acertos na identificação do sujeito, nos dois grupos etários.

Gráfico 6.3



No gráfico 6.3, podemos observar que a dêixis não interfere diretamente nos resultados referentes à compreensão de sentenças com 1ª pessoa na posição de sujeito do verbo, visto que os resultados obtidos no experimento 1 (cf. gráfico 6.1) são bem próximos aos obtidos neste experimento. No que diz respeito à 3ª pessoa, nota-se que a presença de informação para-lingüística de natureza dêitica facilita a identificação do referente na condição congruente, comparando-se os dados aqui obtidos com os do experimento anterior (60% na condição congruente no experimento 1 e 80% neste). No que concerne à condição incongruente, contudo, a informação para-lingüística compatível com a informação de 3ª pessoa veiculada pelo pronome não foi suficiente para eliminar o efeito de congruência causado pelo afixo de 1ª pessoa no verbo, grupo de 3 anos de idade.

Os números de respostas certas correspondentes à escolha do referente do sujeito por condição foram submetidos a uma análise da variância (ANOVA) com design fatorial 2 (idade) x 2 (pessoa) x 2 (congruência) em que *pessoa* e congruência são medidas repetidas. Das três variáveis manipuladas, duas, *pessoa* e congruência, acarretaram efeitos principais.

- Pessoa: $F(1,24) = 10,99$; $p = .003$ (1ª pessoa – média: 3,88; 3ª pessoa – média: 3,23). Observa-se que, houve um efeito significativo de *pessoa*. Embora a dêixis favoreça a percepção da 3ª pessoa (cf. 3ª pessoa com dêixis (média: 3,23) x 3ª pessoa sem dêixis (média: 2,54)), ela não elimina o efeito de *pessoa*;

- Congruência: $F(1,24) = 6,22$; $p = .02$ (formas congruentes – média: 3,69; formas incongruentes – média: 3,42). Observa-se que houve um efeito significativo de congruência, ocorrendo mais acertos em construções congruentes do que incongruentes, basicamente não havendo diferença significativa no que se refere ao uso ou não da dêixis.
- Não houve um efeito significativo de idade.

O uso de informação de natureza dêítica (gestos indicativos) constitui um facilitador para a compreensão de enunciados que fazem uso da informação referente à 3ª pessoa, principalmente para as crianças menores (3 anos). A dêixis não assegura o acerto na escolha do referente, mas aumenta sensivelmente o seu percentual, o que nos leva a concluir que a dificuldade com a compreensão de enunciados de 3ª pessoa diminui com o apoio da dêixis (gesto de demonstração). Possivelmente isso deve ocorrer porque a 3ª. pessoa, conforme visto, é não-dêítica, isto é, não tem referência própria, recuperando sempre um elemento ao qual faz referência. O que podemos concluir é que crianças mais novas têm mais dificuldades na compreensão da 3ª pessoa expressa no D pronominal, quer em construções congruentes, quer em construções incongruentes, e que a dêixis auxilia as crianças na compreensão da 3ª pessoa.

6.3

Experimento 3 – Distinção entre pessoa do discurso e pessoa gramatical e processamento de informação de número

6.3.1

Caracterização do experimento

No DP pronominal *nós* e no DP pleno *a gente*, encontramos a expressão de informações pertinentes aos traços de *pessoa* e de *número*, sendo 1ª pessoa / plural em *nós*, com expressão morfológica de concordância de *número* e *pessoa* em um único afixo verbal (-mos) e 3ª pessoa /singular para o DP pleno (*a gente*) cuja expressão da concordância se faz pela forma morfológicamente não marcada (- \emptyset). Em ambos os casos, o referente corresponde à 1ª pessoa do discurso no plural (inclusiva ou não). Assim sendo, existe uma dissociação entre pessoa do discurso e pessoa gramatical no caso da forma *a gente*, o que pode dificultar a compreensão. Por outro lado, no caso do DP pronominal *nós*, temos a informação de número plural que, por não ser o valor

default do traço de número, deve requerer demanda maior de processamento, como previsto pela Geometria de Traços (Harley & Ritter, 2002) (cf. 2.1.2.2) e observado na análise dos dados de produção aqui conduzida no cap. 5. A forma pronominal *nós* apresenta, não obstante, um facilitador para a criança, a dêixis intrínseca. O presente experimento visa, pois, a verificar que tipo de demandas impõe maior dificuldade para a criança, no que concerne à relação entre *pessoa* e número. No caso de *a gente*, a criança terá de dissociar o traço semântico de *pessoa* (1ª) do traço formal de *pessoa* (3ª), assim como dissociar o traço semântico de *número* indicativo de pluralidade da expressão *a gente* do traço formal de número da mesma (*singular*). No caso de *nós*, terá de identificar informação relativa a dois traços formais que têm expressão morfológica acumulada no afixo verbal.

Neste experimento, foram manipuladas duas variáveis: *idade* (3 e 5 anos), *tipo de realização lexical da 1ª pessoa do discurso / plural* (pronominal – nós / por expressão de 3ª pessoa singular – a gente). As condições experimentais a que as crianças dos dois grupos foram submetidas foram, portanto:

- Condição 1: pessoa do discurso = pessoa gramatical (*Nós queremos*);
- Condição 2: pessoa do discurso ≠ pessoa gramatical (*A gente quer*).

A tarefa utilizada requereu da criança a indicação de uma dupla de fantoches a ela apresentados como aqueles para quem um dado objeto deveria ser dado. A variável dependente foi o número de acertos, entendidos como indicação de ambos os fantoches diante da criança.

6.3.2 Método

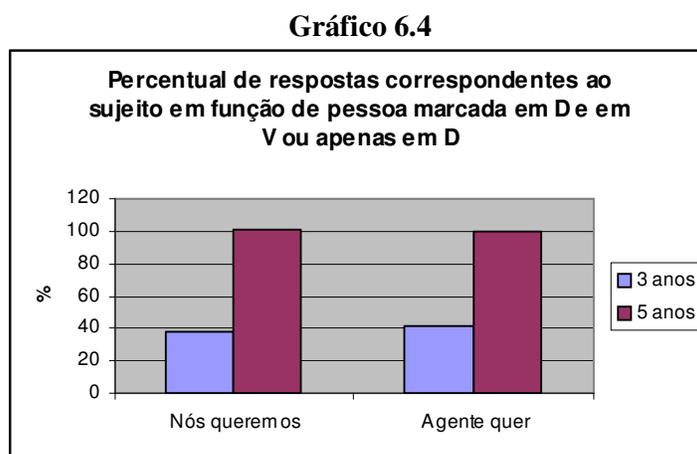
Participaram deste experimento 26 crianças pertencentes ao quadro de alunos de uma escola da rede particular de ensino, de nível sócio-econômico médio, também localizada no bairro de Campo Grande do Município do Rio de Janeiro. Das 26 crianças, 13 eram de 3 anos, sendo 5 meninos e 8 meninas; e as outras 13 eram de 5 anos, sendo 8 meninos e 5 meninas. As crianças de 3 anos apresentavam um intervalo de idade de 36 a 40 meses e a idade média de 3,2. As crianças de 5 anos apresentavam um intervalo de idade de 59 a 65 meses e a idade média de 5,1. Foi adotado procedimento semelhante ao descrito no experimento 1 anterior (cf. 6.1.1), utilizando-se

os mesmos materiais e aparato para a sua aplicação.

Para cada criança foram oferecidos 8 estímulos por condição, de modo que cada fantoche pudesse assumir alternadamente em sua fala cada uma das duas condições. As respostas foram registradas em uma tabela de aferição (cf. anexo 2).

6.3.3 Resultados e discussão

Abaixo apresentamos o gráfico 6.4 que ilustra os resultados obtidos:



O gráfico revela um efeito de idade semelhante para as duas formas. Crianças de 5 anos não têm dificuldade no processamento da referência à 1ª pessoa plural do discurso independentemente do tipo de realização gramatical do traço formal de *pessoa*. Crianças de 3 anos, por outro lado, parecem ter dificuldade no processamento da referência plural com base em informação pertinente a *número*, seja proveniente de um traço semântico/formal, como no caso do sujeito pronominal - *nós*, seja no caso do traço estritamente semântico de número em *a gente*.

O número de respostas certas correspondentes à escolha do referente do sujeito por condição foi a variável dependente de uma análise da variância (ANOVA) com *design* fatorial 2 (idade) x 2 (tipo de realização da 1ª pessoa plural) em que a variável *tipo de realização lexical da 1ª pessoa plural* é medida repetida. Das duas variáveis manipuladas, uma, idade, surtiu um efeito principal.

- Idade: $F(1,24) = 42,12$; $p < .0001$ (3 anos, pessoa do discurso = pessoa gramatical – média: 0,39; 5 anos, média: 1 / 3 anos, pessoa do discurso \neq pessoa gramatical – média: 0,40; 5 anos – média: 1). Observa-se que houve um efeito bastante significativo de idade. Crianças de 3 anos têm mais dificuldades em compreender informação de número plural associada a de *pessoa* em *nós* e dissociar informações referentes aos traços semânticos de 1ª pessoa e de número plural de informações referentes aos traços formais de 3ª pessoa e de número singular.

Com base na análise das respostas-alvo, o problema parece estar no processamento de informação conceptual relativa a número, independentemente de esta ser expressa por meio do traço semântico de pluralidade da forma *a gente* ou do traço formal de número como valor plural da forma *nós*. A análise dos erros, contudo, pode revelar a natureza das dificuldades da criança no processamento de relações de interface entre a língua e sistemas conceptuais, as quais são diferenciadas nas duas formas.

As crianças, ao procederem à resposta correta, considerando a 1ª pessoa do plural, apontavam para os dois bonecos e acompanhavam esse gesto dizendo “*para ele e ele*”, “*para os dois*”, “*para o Dedé e o Vavá*”, ou “*para esse aqui e esse aqui*”, demonstrando interpretar a informação de número plural. Quanto às respostas não esperadas, observamos que para a condição 1 – *Nós queremos*, a maioria das crianças de 3 anos elegeu o boneco que fala (Dedé ou Vavá) como referente do sujeito do verbo. A associação de informação relativa aos traços formais de *pessoa* e *número* no pronome *nós* e expressa no afixo verbal dificulta, pois, o processamento da referência por crianças de 3 anos. Note-se que na condição *nós*, a criança tem de processar duas informações provenientes de traços formais, uma pertinente a *pessoa* e outra pertinente a *número*. A criança parece processar *pessoa*, mas não *número* a partir do pronome *nós*. Em sentenças na condição 2 – *A gente quer*, não foi observada uma estratégia fixa, as crianças ora elege o boneco Dedé, ora elege o boneco Vavá como sujeito do verbo da sentença, não tendo ocorrido uma predominância da escolha do boneco que fala. Isso nos sinaliza que a criança está tendo dificuldades em dissociar *pessoa* do discurso de *pessoa* gramatical, considerando a informação de 3ª pessoa gramatical, não-marcada.

A seguir apresentamos a tabela 6.4 na qual são relacionados os somatórios das respostas não esperadas dadas pelas crianças de 3 anos. Nela, buscamos caracterizar o tipo de erro por condição experimental, levando em conta também o boneco que fala.

Tabela 6.4

Distribuição dos erros em relação à “pessoa” que fala e ao tipo de realização lexical da 1ª pessoa do plural

“Pessoa” que fala				
Realização lexical da 1ª pessoa do plural				
Tipo de erro (alvo da ação da criança)	Dedé: <i>A gente quer</i>	Dedé: <i>Nós queremos</i>	Vavá: <i>A gente quer</i>	Vavá: <i>Nós queremos</i>
Boneco	17	19	17	13
Dedé				
Boneco	16	12	13	22
Vavá				

Observa-se, na tabela 6.1, que na condição *a gente* a diferença entre o número de respostas direcionadas ao boneco correspondente à pessoa que fala e para o outro é menor 30 (para o que fala) x 33 (para o outro) do que a tal diferença na condição *nós* 41 (para o que fala) x 25 (para o outro). Tal fato também parece pontuar que a informação de *pessoa* (1ª pessoa), conforme visto, é mais perceptível para a criança, por ser uma forma marcada, do que a de 3ª pessoa, não-marcada.

A análise dos erros sugere, portanto, que as relações de interface entre o sistema da língua e sistemas conceituais apresentam demandas diferenciadas no tratamento da informação gramatical e conceitual de número e de *pessoa* nas duas formas.

6.4

Experimento 4 - Demandas diferenciadas de *pessoa* e de número

Os experimentos conduzidos até então sugerem que há dificuldades provenientes da interação entre os domínios conceptual/intencional e lingüístico no processamento de informação relativa a *pessoa* e a número. A 3ª pessoa não-dêitica acarreta dificuldade para crianças de idade inferior a 5 anos na compreensão de informação referente ao traço formal de *pessoa*. A dissociação entre *pessoa* do discurso e *pessoa* gramatical assim como o processamento de número apresentam demandas que afetam particularmente o desempenho de crianças de 3 anos e que se mostram, em grande parte, superadas aos 5 anos de idade.

Vimos, ainda, que o PB, por manter a possibilidade de sujeito nulo, admite uma

análise em que a interpretabilidade de *pessoa* e de *número* não se encontra em Dmax, mas numa categoria funcional que se expressa morfológicamente no afixo do verbo (Augusto, Ferrari & Corrêa, 2005).

O presente experimento visa a verificar em que medida a natureza dêitica da primeira pessoa viria a contribuir para o processamento de informação de número e em que medida extrair informação de *número* e *pessoa* de um único morfema acarreta dificuldades de processamento para a criança no caso do sujeito nulo. Para isso, neste experimento, o valor do traço de número foi controlado (plural) e a informação relativa a *pessoa* (1ª e 3ª) foi manipulada, com dois tipos de sujeito – pronominal e nulo.

6.4.1 Caracterização do experimento

Como variáveis independentes foram consideradas *a pessoa do sujeito* (1ª / 3ª) e o *tipo de realização do sujeito* (sujeito pleno/ sujeito nulo). Foi fixado o fator *idade*, 3 anos, e o fator *número*, plural. A partir dos níveis das variáveis independentes, foram definidas 4 condições experimentais, sendo elas:

- Condição 1 – 1ª pessoa do plural / sujeito pleno – *Nós queremos*;
- Condição 2 - 1ª pessoa do plural / sujeito nulo – \emptyset *queremos*;
- Condição 3 - 3ª pessoa do plural / sujeito pleno – *Eles querem*;
- Condição 4 – 3ª pessoa do plural / sujeito nulo – \emptyset *querem*.

Como variável dependente, consideramos o número de acertos na identificação dos fantoches a quem o brinquedo deveria ser oferecido. Diferentemente dos experimentos anteriores, neste foram utilizados 3 fantoches (Dedé, Vavá e Lelé).

A seguir serão apresentados exemplos de estímulos por condição:

- 1 – Agora, eu vou dar para você esta maçã!
Vamos ver para quem você vai dar a maçã.

Dedé – A gente gosta de comer. *Nós queremos* a maçã. (1ª pessoa – plural / sujeito pleno)

Experimentador - Para quem você vai dar a maçã?
Resposta esperada: Para o Dedé, para o Vavá e para o Lelé.

- 2- Agora, eu vou dar para você este lápis!

Vamos ver para quem você vai dar o lápis.

Vavá – A gente gosta de desenhar. *Queremos* o lápis. (1ª pessoa – plural / sujeito nulo)

Experimentador - Para quem você vai dar o lápis?

Resposta esperada: Para o Vavá, para o Dedé e para o Lelé.

- 3- Agora, eu vou dar para você esta espada!
Vamos ver para quem você vai dar a espada.

Lelé – Vavá e Dedé gostam de brincar. *Eles querem* a espada. (3ª pessoa – plural / sujeito pleno)

Experimentador - Para quem você vai dar a espada?

Resposta esperada: Para o Vavá e para o Dedé.

- 4- Agora, eu vou dar para você este chocalho!
Vamos ver para quem você vai dar o chocalho.

Dedé – Vavá e Lelé gostam de brincar. *Querem* o chocalho. (3ª pessoa – plural / sujeito nulo).

Experimentador - Para quem você vai dar a chocalho?

Resposta: Para o Lelé e para o Vavá.

6.4.2 Método

Participaram do experimento 13 crianças de 3 anos residentes em Campo Grande, bairro da Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro. Todas as crianças freqüentavam uma mesma escola da rede particular de ensino e pertenciam a um nível sócio-econômico médio. Das 13 crianças, 9 eram meninas e 3 eram meninos, com um intervalo de idade de 35 a 40 meses e a idade média de 3;2.

Neste experimento, foram utilizados como material três fantoches, nomeados pelo experimentador como Dedé, Vavá e Lelé, mais alguns brinquedos e algumas frutinhas de madeira também usados nos experimentos anteriores. O aparato utilizado foi um *compact disc* digital áudio da marca Panasonic (MP3/CD-R/RWP/A), e um CD com a gravação das falas dos fantoches. Foram oferecidos 4 estímulos por condição, respondendo cada criança, portanto, a 16 frases experimentais (cf. anexo 3).

O procedimento experimental foi o mesmo adotado nos experimentos anteriores.

6.4.3 Resultados e discussão

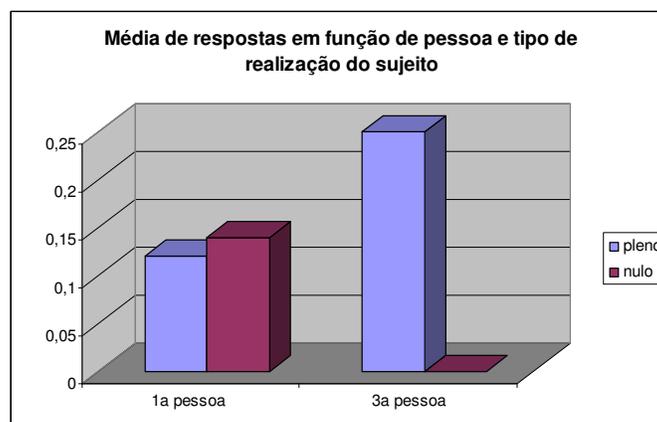
As crianças apresentaram dificuldades ao responder às frases experimentais propostas. Foram oferecidos a cada criança 4 estímulos por condição, respondendo cada criança a um total de dezesseis estímulos. Dessa forma, obtivemos um total de 52 respostas para os 52 estímulos por condição. O percentual de respostas corretas foi bastante baixo em todas as condições, como podemos verificar na tabela 6.2 a seguir:

Tabela 6.2
Percentual de acertos por condição experimental (n=52)

Condição 1 (1ª p. p./ pleno)	Condição 2 (1ª p.p./ nulo)	Condição 3 (3ª p.p./ pleno)	Condição 4 (3ª p.p./nulo)
11,54	13,46	25	0

Os números de respostas corretas correspondentes à escolha do referente do sujeito por condição foram submetidos a uma análise da variância (ANOVA) com design fatorial 2 (tipo de realização do sujeito) x 2 (pessoa) em que a variável tipo de realização da 1ª pessoa plural é medida repetida. Não foram obtido efeitos significativos de *pessoa* e de *tipo de realização do sujeito*. O efeito da interação entre esses fatores foi, entretanto, significativo $F(1,11) = 6,49$; $p = .03$

Gráfico 6.5



Observa-se que, na 1ª pessoa, o tipo de realização do sujeito não acarreta efeito expressivo nas médias, sendo estas semelhantes. No caso da 3ª pessoa, por outro lado, a presença do sujeito lexical é crucial para a interpretação de informação de *pessoa*. Constata-se, pois, que ainda que o número plural tenha dificultado a tarefa, crianças de

3 anos percebem informação relativa à primeira pessoa tanto no sujeito pronominal quanto no afixo verbal. Assim sendo, a informação inerentemente dêitica de 1ª pessoa parece ter facilitado o processamento da referência envolvendo o traço de número apenas no que concerne ao sujeito nulo, uma vez que o afixo verbal é morfologicamente marcado para *pessoa*. No caso do sujeito pleno, por outro lado, a 3ª pessoa apresentou maior facilidade para a criança. Considerando-se estes resultados em relação ao anterior, verifica-se que o problema apresentado pelo pronome *nós* não decorre do processamento de *número* em si. Esta forma não parece ser satisfatoriamente reconhecida pela criança ou seus traços ainda não se encontram representados. O processamento de informação referente ao traço de *pessoa* expresso no DP pronominal *nós* parece envolver a dificuldade que a criança mais nova tem com a referencialidade, já que não se pode afirmar que *nós* tenha uma dêixis “completamente” intrínseca. O traço semântico de *nós* não implica somente o conceito de *quem fala*, mas, antes, este minimamente acrescido de um outro, que poderá ser *com quem fala* (1ª pessoa inclusiva) ou *de quem se fala* (1ª pessoa excludente). Parece-nos, portanto, que a dificuldade na compreensão da 1ª pessoa do discurso / plural justificar-se-ia na questão da referencialidade e na representação da informação semântica de um nós inclusivo x excludente.

6.5 Identificação de informação de pessoa no DP pronominal e no afixo verbal

6.5.1 Caracterização do experimento

Tendo em vista os efeitos obtidos nos experimentos anteriores, o presente experimento foi concebido como protótipo de material de teste a ser incorporado ao MABILIN. Dada a maior visibilidade de informação relativa à 1ª pessoa no afixo verbal e seu efeito sobre o processamento de informação relativa a número no caso do sujeito nulo, e diante da dificuldade de crianças DEL no processamento de informação em elementos funcionais e afixos (cf. 4.2), considerou-se que habilidades de crianças extraírem informação gramatical pertinente a *pessoa* do afixo verbal poderia ser tomada como parâmetro na identificação de habilidades de processamento linguístico pertinente a *pessoa*.

Construiu-se, então, uma tarefa de identificação de gravuras, tal como a que é

caracteristicamente utilizada nos testes de compreensão do MABILIN de modo a verificar em que medida crianças DLN (de 3 e 5 anos) e posteriormente crianças DEL são capazes de extrair informação pertinente a 1ª pessoa do afixo verbal, em contraste com o pronome manifesto, tanto com sujeito singular quanto plural.

Assim sendo, fixou-se a 1ª pessoa como alvo da compreensão em oposição à 3ª pessoa - interpretação possível dentre os distratores apresentados - e manipularam-se as variáveis *número* (singular e plural) e *tipo de realização do sujeito* (pleno e nulo). *Idade* foi tomada como fator grupal. Outro fator grupal foi aqui incorporado – *grupo social* (médio – de médio poder aquisitivo/ escolaridade – e baixo – de baixo poder aquisitivo/ escolaridade), tendo em vista que o padrão de desenvolvimento lingüístico normal tomado como referência para identificação de crianças DEL por meio do MABILIN leva em conta esse fator. Tem-se, assim, um design 2 (idade) x 2 (grupo social) x 2 (número) X 2 (tipo de realização do sujeito), no qual apenas os dois últimos fatores são medidas repetidas.

A variável dependente considerada foi o número de respostas correspondentes à primeira pessoa dentre três opções apresentadas.

A seguir, serão apresentados um exemplo de cada condição experimental.

Condição 1: pronome pleno singular

O macaco disse:

- O palhaço estava no circo comigo. Eu pulei corda lá.

Condição 2: pronome nulo singular

O tigre disse:

- O urso estava na pedreira comigo. Empurrei uma pedra pesada.

Condição 3: pronome pleno plural

O porco disse:

- Os coelhos foram à fazenda comigo. Nós empurramos a cerca.

Condição 4: pronome nulo plural

Maria disse

- Minhas primas foram à pracinha comigo. Brincamos na areia.

6.5.2

Método

Participantes:

Participaram do experimento 40 crianças DLN falantes do PB, sendo 20 do grupo social de médio poder aquisitivo/ escolaridade (doravante Grupo A) e 20 do grupo social de baixo poder aquisitivo/ escolaridade (doravante Grupo B), agrupadas por idade, sendo 20 crianças de 3 anos e 20 de 5 anos. As crianças do grupo A freqüentavam o mesmo colégio particular em um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro. As crianças do grupo B com idade de 3 anos freqüentavam uma creche municipal também localizada em um bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro e as de 5 anos, uma escola pública da mesma região.

Material:

O material constitui-se de 12 pranchas distribuídas em 4 blocos (cf. anexo 4), conforme a condição experimental. Cada prancha apresenta três figuras, sendo uma correspondente à resposta esperada e duas outras como distratores. Considerando-se como exemplo o enunciado *João disse: - Minha prima foi ao cinema comigo. Eu comi pipoca o tempo todo*, a prancha correspondente ao enunciado lingüístico anterior apresenta o seguinte esquema, visando à tarefa de compreensão:

PRIMA COME PIPOCA (distrator – 3ª pessoa)
--

JOÃO E PRIMA (distrator - outros)

JOÃO COME PIPOCA (alvo – 1ª pessoa)

No anexo 4, apresentamos um exemplo de prancha para cada uma das condições.

Procedimento:

O experimentador solicita à criança que selecione a figura que corresponde ao

enunciado que vai proferir e a criança deve escolher, entre três figuras, aquela que é compatível com o que ouviu do experimentador, apontando-a. As figuras são apresentadas em pranchas, sendo uma figura correspondente à opção correta, ou seja, ao alvo e as duas outras, distratores. A ordem das figuras varia de modo que o alvo não fique sempre na mesma posição, não havendo, assim, a possibilidade de um condicionamento. Neste experimento, os distratores foram criados de modo que poderiam constituir possíveis erros, gerados a partir de falhos processamentos sintáticos. Cada prancha põe em confronto a 1ª e a 3ª pessoa, sendo a 1ª pessoa o alvo da resposta. O experimento foi aplicado nas salas-de-leitura dos colégios e creche freqüentados, ambiente com o qual as crianças já estavam familiarizadas. As crianças foram, inicialmente, indicadas pela professora, participando também, posteriormente, aquelas que se ofereceram. Cada criança foi testada individualmente. Uma monitora conduzia a criança até a sala e lá o experimentador explicava que elas participariam de um “jogo”, no qual alguém falaria com ela - a personagem que tinha um balãozinho no alto da prancha - e, em seguida, ela deveria apontar para a figura que correspondesse ao que havia sido dito.

6.5.3 Resultados e discussão

Os dados foram submetidos a uma ANOVA, 2 (grupo social) x 2 (grupo etário) x 2 (número) x 2 (tipo de realização do sujeito), sendo os dois últimos fatores, medidas repetidas.

Efeitos principais:

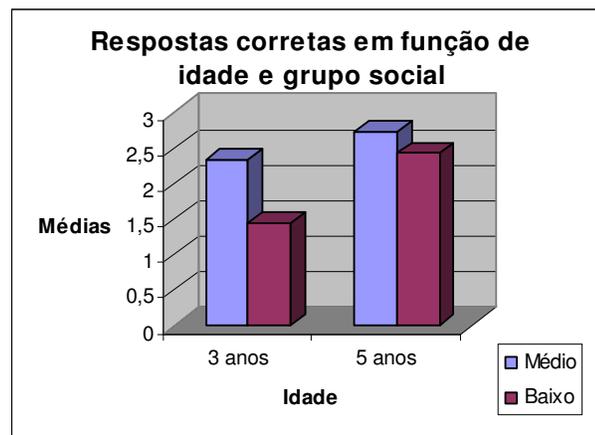
- **Grupo social:** $F(1,36) = 19,36$ $p < .0001$
Médias: Grupo A (médio) – média: 2,53
Grupo B (baixo) – média: 1,94
- Houve mais acertos no grupo A do que no B. A diferença é bastante significativa.
- **Idade:** $F(1,36) = 26,51$ $p < .0001$
3 anos – média: 1,89
5 anos – média: 2,58

- Houve um número de acertos maior em crianças de 5 anos.
- **Número:** $F(1,36) = 17,47$ $p < .001$
Singular – média: 2,01
Plural – média: 2,78
- Houve mais acertos no plural do que no singular.
- **Tipo de realização do sujeito** (1ª pessoa): $F(1,36) = 10,44$ $p = .003$
Pronome pleno – média: 2,39
Pronome nulo – média: 2,08
- Houve um índice maior de acertos com o pronome pleno do que quando o pronome está nulo.

Médias de interação:

- Houve interação significativa entre idade e grupo social $F(1,36) = 4,64$ $p < .04$
(3 anos, Grupo A - média 2,33; Grupo B - média 1,45 / 5 anos, Grupo A – média: 2,73; Grupo B – média: 2,43).

Gráfico 6.6

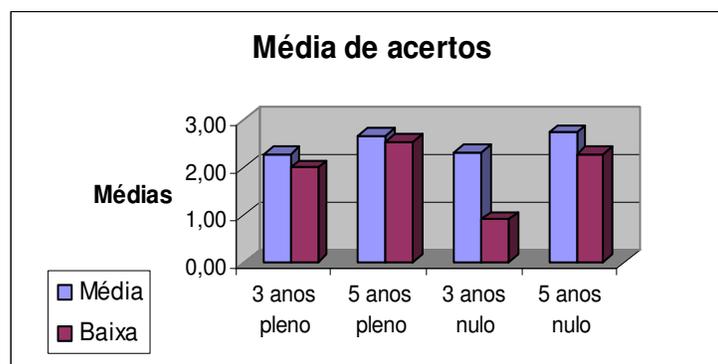


- Observa-se que a diferença entre grupos sociais deve-se, em particular, ao desempenho do grupo de 3 anos.
- Houve interação significativa entre grupo social, idade e número $F(1,36) = 4,12$ $p < .05$ (3 anos, Grupo A singular – média: 2,0; plural - média: 2,7 ; 3 anos,

Grupo B singular – média:1,45; plural – média: 1,45 / 5 anos, Grupo A singular – média: 2,5; plural: média 2,95; 5 anos, Grupo B singular – média:2,1; plural – média: 2,75).

- Observa-se que, exceto no grupo 3 anos, Grupo B houve vantagem da condição plural sobre a singular. A diferença entre grupos sociais é particularmente acentuada aos 3 anos na condição plural, diminuindo aos 5 anos, particularmente nesta condição. Crianças do grupo B, particularmente aos 3 anos têm dificuldade em identificar informação pertinente a número plural.
- Houve efeito de interação entre grupo social, idade e tipo de realização do sujeito $F(1,36) = 4,83$ $p < .04$ (3 anos, pleno grupo A – média: 2,3; grupo B – média: 2,0 / 5 anos, pleno grupo A – média: 2,7; grupo B – média: 2,55 / 3 anos, nulo grupo A – média: 2,35; grupo B – média: 0,9 / 5 anos nulo grupo A – média:2,75; grupo B - média: 2,3).
- Constata-se que essa dificuldade de crianças de 3 anos com número plural deve-se, particularmente, ao sujeito nulo.

Gráfico 6.7



Podemos concluir, a partir dos resultados, que a informação de número e de *pessoa* expressa no afixo verbal é mais visível particularmente no plural, já que a 1ª pessoa singular é marcada quanto a *pessoa*, mas não marcada quanto a número, ao passo que a 1ª pessoa plural é marcada quanto a número e *pessoa*. Essa visibilidade na morfologia do verbo apresenta-se mais acessível às crianças do grupo A do que

do grupo B, afetando particularmente as crianças de 3 anos. Conforme resultados alcançados nos experimentos 3 e 4, a primeira pessoa facilita o processamento de número plural particularmente no que se refere ao pronome nulo.

Este experimento sugere que a marcação morfológica no afixo do verbo seja um parâmetro interessante para a avaliação de habilidades lingüísticas. Assim sendo, seja a interpretabilidade dos traços formais de *pessoa* e número decorrente de valoração de traços formais não interpretáveis na operação *Agree*, seja pelo fato de o afixo verbal deter o traço semanticamente interpretável como duplicador no verbo, no caso de sujeito nulo, o afixo verbal possibilita avaliar em que medida crianças extraem informação gramatical de elementos funcionais.

No que diz respeito à dificuldade que crianças de 3 anos do grupo B revelam ter em extrair informação de *pessoa* em enunciados de sujeito nulo, é possível que o sujeito nulo seja menos presente no dialeto a que estão expostas, dada a possibilidade de esse ser um aspecto do PB atual que vem se apresentando como uma língua com tendência a não *pro-drop*.⁷¹

6.6 Considerações finais

Foram realizados, neste capítulo, cinco experimentos com crianças DLN falantes do PB.

Os experimentos apresentados, nesta seção, permitem-nos concluir que:

- Aos três anos, a criança não tem clareza de onde buscar informação de *pessoa*, se em Dmax ou se na morfologia do verbo e, aos cinco anos, já tende a buscar essa informação em Dmax;
- Crianças mais novas, por volta dos 3 anos, são mais sensíveis à 1ª pessoa e a construções congruentes;
- O estabelecimento da referência de 3ª pessoa constitui particular dificuldade para crianças mais novas, já que a 3ª pessoa não tem referência própria e é morfologicamente não marcada;

⁷¹ Reconhecemos a necessidade de se verificar se falantes de grupos sociais de baixa renda e escolaridade apresentam tendência à realização de sujeito lexical.

- A dêixis estabelecida por um recurso para-lingüístico auxilia a compreensão de *pessoa* no DP(max), mas não elimina a dificuldade causada pela referência em 3ª pessoa;
- A compreensão da expressão *a gente* torna-se difícil por requerer a dissociação entre o traço semântico de 1ª pessoa do discurso e o traço formal de 3ª pessoa gramatical, além de requerer a dissociação entre o traço semântico de número plural do traço formal de número singular. O problema parece se situar na interface semântica (LF) entre o sistema computacional que opera com traços formais e o sistema conceptual-intencional que lê informação semântica;
- A compreensão da informação de número plural constitui uma dificuldade para as crianças. Com a expressão *a gente*, *número* se constitui apenas como traço semântico de pluralidade, enquanto com o DP pronominal *nós*, ele se constitui como um traço semântico / formal, uma vez que a concordância sujeito-verbo se estabelece e a informação semântica de pluralidade também.

Os experimentos sugerem que há dificuldades provenientes da interação entre os domínios conceptual / intencional e o domínio lingüístico no processamento da informação reletiva a *pessoa* e número, e isso pode ser relevante para a identificação de crianças DEL.